

MARIA ELIENE RODRIGUES DE ARAÚJO

CICLO VI - Quarta-feira

ADALINE E O DISCURSO DA HISTERIA

São Paulo – SP

2015

Adaline e o discurso da histeria

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921), Freud nos adverte sobre a imbricação entre psicologia individual e psicologia de grupos, onde “desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social”, uma vez que o sujeito se constitui a partir de um jogo complexo de identificações e desidentificações com outros significativos.

A Psicanálise, enquanto teoria e método de investigação e tratamento do sofrimento psíquico, da singularidade, da constituição da psique, se interessa pelas diferentes modalidades de discurso que fundam os laços sociais. Na relação analítica, onde o par analista e analisando estão às voltas com o desvelamento do desejo inconsciente e com a travessia do fantasma, o discurso que este endereça ao analista deve ser interpretado a partir de suas produções inconscientes, uma vez que estas revelam a posição que o sujeito ocupa no desejo do Outro, produções estas que acontecem em decorrência da neurose de transferência.

As produções culturais, artísticas, expressões do destino sublimatório das pulsões a que alguns indivíduos conseguem alcançar, também podem ser investigadas pelo método psicanalítico, mas de forma diferente do que acontece na análise. O cinema, por exemplo, nos fornece obras que, por vezes, evidenciam um conteúdo manifesto e outro, que de forma paralela, latente, se insinua, deixando vestígios, indícios das relações de poder e desejo, ou seja, dos diferentes discursos que compõem a trama fílmica.

Mas aqui não se trata de analisar personagens, autor e diretor, e sim de fazer uma leitura de aspectos, recursos, que, às vezes sutis, outros, mirabolantes, causam estranheza no

espectador, sendo o referencial psicanalítico um vértice que pode tornar mais rica a apreensão da dinâmica inconsciente.

O filme “The Age of Adaline”, de 2015, dirigido por Lee Toland Krieger, que na versão em português ganhou o título “A incrível história de Adaline” se aproxima da narrativa fantástica, ao entrelaçar o fantástico e o real, de maneira a causar um estranhamento em que o assiste. Tanto o primeiro acidente de carro sofrido por Adaline, o que a torna quase imortal, já que não pode mais envelhecer, quanto o segundo, que a liberta do “feitiço do tempo”, são narrados com especial ênfase nos aspectos físicos, químicos e biológicos, o que tem por objetivo dar ao acontecimento, ainda que improvável, um caráter científico, convidando assim o espectador a embarcar nessa história ficcional.

O título, que em português pode ser traduzido por “A era de Adaline” ou “A idade de Adaline”, nos remete a ideia de uma época e um drama, um conflito que diz respeito à idade, mas especificamente, à questão do envelhecimento. Adaline está impedida de envelhecer, e diante do interesse de agentes do FBI em submetê-la a testes, está resolve fugir. Para garantir liberdade e segurança a si e à sua filha, Fleming, Adaline faz um juramento de mudar de lugar, nome, residência e aparência a cada década, e nunca falar de seu destino para outra pessoa. Juramento que segue à risca por seis décadas. Ela está prestes a fazer tal intento novamente quando conhece Ellis, um escritor, por quem se apaixona, não antes de se furtar a ele muitas vezes, ao mesmo tempo em que tenta seduzi-lo.

Discurso, para Lacan, é uma modalidade fundamental de laço social. O discurso da histeria é o tipo mais geral de laço social, ainda que os indivíduos que por meio dele se expressem não sejam necessariamente histéricos. Este discurso tem como modelo a estrutura histórica. Para Dunker, a histeria é um tipo de discurso que pressupõe no lugar de agente do discurso o sujeito dividido (\$), que endereça ao outro, não qualquer um, mas alguém que

ocupe lugar de mestria para aquele (S1), uma demanda de saber sobre sua sexualidade. Acontece que tanto a produção desse saber (S2) quanto a verdade do gozo (a) estão sob a barra do recalque, ou seja, são inacessíveis (de forma direta?), tanto para o agente quanto para o mestre, uma vez que ambos são marcados pela castração e submetidos ao recalque.

O que vai restar desta operação, caso o mestre se deixe seduzir pela demanda de saber, é este se ver em apuros, pois ou é incapaz de produzir tal saber, ou só poderá responder de forma insatisfatória, uma vez que a verdade nunca pode ser dita toda, evidenciando assim sua falta constitutiva. Ao responder a demanda histórica, a falta se instala no mestre, grande outro (A). Falta que a histórica se precipita a tamponar, ao se identificar com a mesma, ela se presta como objeto capaz de completar o mestre, realizando assim sua fantasia inconsciente de se entregar toda por amor, onde por sua vez ela própria deixa de ser um ser castrado, dividido.

Ao ocultar a falta em si, poderá então alcançar o gozo absoluto, a completude imaginária. Mas, ao mesmo tempo, realizar tal fantasia implica em grande ameaça à integridade narcísica do sujeito, implica na dissolução do Eu, ao se fazer de objeto de gozo do Outro. Sucumbir ao gozo se torna assim aversivo, fantasia da qual é preciso se defender. Deste modo se estrutura o conflito histórico: contra a fantasia de se entregar toda por amor se levantam barreiras defensivas com o intuito de conter o impulso da entrega avassaladora.

“Diante disso, a estratégia histórica consiste na valorização da falta, indicada pelo objeto “a”, que ocupa a posição da verdade no discurso da histeria. Para eludir o gozo, cultiva-se a insatisfação” (CASTRO). Insatisfação que se expressa como sintoma, que representa ao mesmo tempo dor e alívio, “... tanto sofrimento para o eu quanto alívio para o inconsciente” (NÁSIO).

Essa parece ser a conflitiva, o discurso latente, que se deixa entrever no drama vivido pela personagem Adaline. Esta se vê impedida de estabelecer vínculos duradouros, se furta ao

amor e aos relacionamentos. O primeiro acidente como marca para o instante, o momento a partir do qual Adaline sofre o feitiço do tempo. Algo “quase mágico” acontece, Adaline está enfeitiçada, não envelhece mais, está condenada a ser para sempre uma adolescente. Mas seguindo o enredo, o que leva Adaline a “congelar-se”, a fixar-se, a estar impedida de envelhecer, de se movimentar em seu discurso?

Ela perde o homem a quem amava, seu marido, e ainda por cima, fica com uma filha de três anos, que lhe convoca a funcionar como suporte para seu pleno desenvolvimento da capacidade de amar, de desejar. Adaline vive a dor da perda e os desafios que a maternidade impõe, e como recurso defensivo contra a angústia de castração, resolve fugir. Mas não sem antes deslocar a falta para o Outro, neste caso, o FBI, por intermédio de seus agentes. Ela foge do Outro porque este a quer, porque ela é especial, quase imortal, quer saber sobre seu enigma, portanto a falta está no Outro e não mais em si. E assim, “O desejo de que seu desejo não seja realizado é camuflado por circunstâncias fora de seu controle” (CASTRO).

O drama representado pela personagem nos remete à dificuldade atual vivida pela sociedade ocidental em lidar com as questões do envelhecimento, da finitude, do desamparo. Os aspectos tidos como negativos, sombrios, do envelhecimento são rechaçados, rejeitados. O melhor é ser para sempre jovem, parecer jovem, ainda que ao preço da exclusão do valor da experiência, da transmissão do saber.

Bibliografia:

- **BRAUNSTEIN**, Néstor. Gozo; tradução de Monica Seincman. – São Paulo: Escuta, 2007.
- **CASTRO**, Julio César Lemes. Sujeito, Desejo e Identidade no discurso da histeria
http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CASTRO_JULIO_CESAR_LEMES_DE.pdf
- **DUNKER**, Christian Ingo Lenz. A loucura histórica e a psicose
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200005
- **FREUD**, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921) em Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- **NASIO**, J. –D. Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.